

PERANTE A DOR

A dor física se reflete no espírito, burilando-o. A fome, nas suas contorções mais dolorosas provoca gemidos de dor no adulto, e faz chorar a criança. No seu estado mais avançado, a fome anestesia a matéria e se reflete no espírito, que, também anestesiado, dificulta o intercâmbio entre ambos. Quando se chega a esse estágio, com os canais matéria-espírito prejudicados, dor e desespero por uma bênção divina também ficam anestesiados.

Muito cômoda, todavia, é a posição daqueles que encaram o sofrimento alheio como uma necessidade para evoluir. Cômoda principalmente para quem nunca sentiu a convulsão orgânica da fome. Assumir tal raciocínio é um anestésico para a mente. Não podemos nos esquecer, entretanto, do ensinamento de Jesus, ao se referir às dores e aos sofrimentos da humanidade: “ai daqueles por quem eles vierem”, soando como uma advertência para a nossa convivência com a dor.

Mãos a obra: aconchegando os irmãos que nos procuram, acalmando a fome dos que buscam o alimento, dividindo o que temos com aqueles que nada têm. Dentro do processo de purgação dos habitantes deste Planeta, temos a nossa parcela de responsabilidade e obrigações a cumprir. Essas obrigações se resumem em amparar sempre a todos os que nos procuram.

O desespero de uma mãe que chora pela falta de ter o que dar a seu filho é tão grande que poderá levá-la ao crime de sufocá-lo para não ouvi-lo chorar. Tamanho desespero não comporta um raciocínio equilibrado. E nós, se ficarmos indiferentes, somos coniventes e participantes deste crime. Por que? – perguntarão muitos. Porque a sociedade em que vivemos é fruto de nós mesmos. Aqui temos o resultado daquilo que não soubemos construir, do desamor que plantamos, da incompreensão e do egoísmo que cultivamos. Criaturas capazes, treinadas no mundo espiritual para elaborar um trabalho em prol de uma coletividade, quando chegam ao poder, desviam os seus esforços para benefícios pessoais.

O mesmo acontece quando chegamos ao pequeno grupo, que se chama família. Nela o que vemos? A mesma luta pelo poder, pela autoridade, pelos privilégios pessoais. Já aceitamos o Evangelho. Porém, há grande diferença e um longo caminho a percorrer entre aceitar o Evangelho e praticá-lo na sua plenitude.

Mais uma vez a palavra é amor. Chamo a atenção para os momentos difíceis que virão. De nada nos serve fechar os olhos, quando estamos vendo e sentindo as transformações por que passa a nossa sociedade. É nosso dever cuidar de perto daqueles que nos foram confiados diretamente, a família individual. Mas, não podemos nos esquecer igualmente da família coletiva, a que pertencemos. Para os momentos difíceis precisamos de espíritos fortes, armados de compreensão, razão e coração, a fim de superar as dificuldades e amparar aqueles que não receberam o que recebemos em

abundância.

Eu os chamo, pois, à responsabilidade. Precisamos de todos fortes, seguros e conscientes. Dispam-se da vaidade, apliquem a auto-crítica e transformem os sentimentos em paz, em amor e em compreensão. Em todas as dificuldades, lembrem-se da prece. A prece é o instrumento da paz, do equilíbrio e do amor.

Bezerra de Menezes, em 03/11/1983